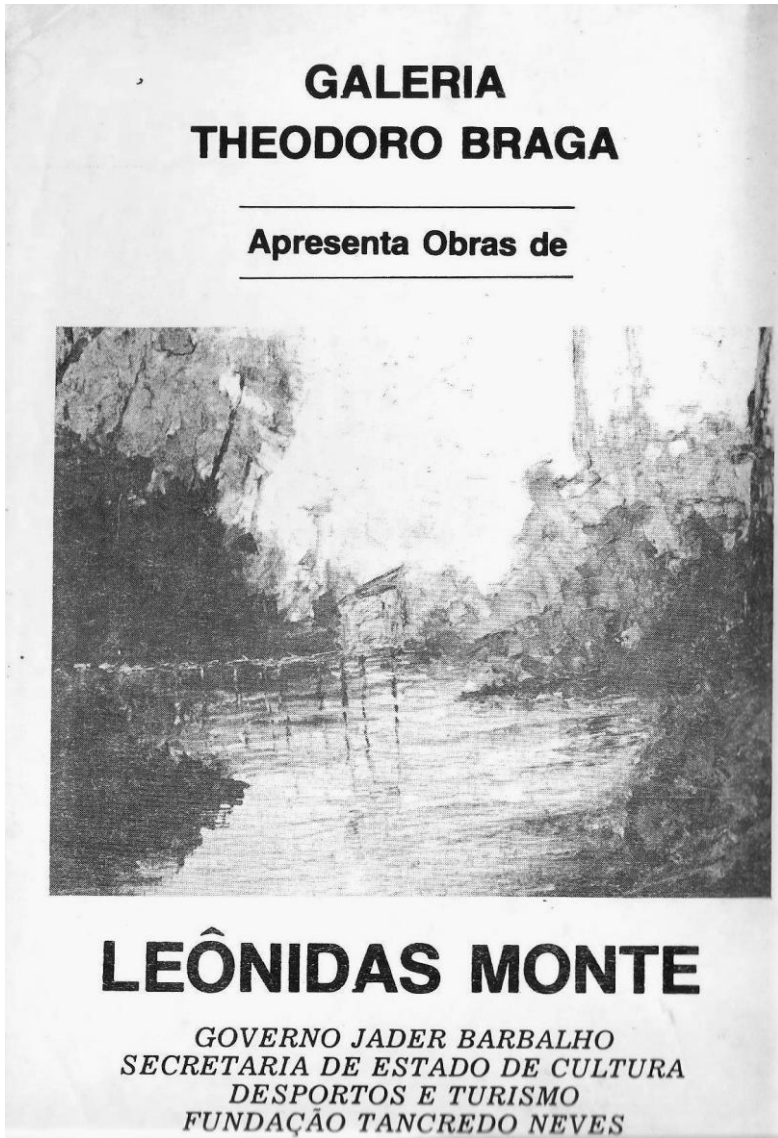


Exposições GTB

1986

1 – Leônidas Monte. Exposição retrospectiva de Leônidas Monte. Apresentada de 27 de junho de 1986 a 03 de agosto de 1986. Esta foi a exposição de reabertura da Galeria Theodoro Braga na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves.




2 – Carlos Scliar e Ouro Preto. Exposição individual de serigrafias de Carlos Scliar apresentada na Galeria Theodoro Braga entre os dias 06 e 10 de agosto de 1986.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE
Instituto Nacional de Artes Plásticas

CARLOS SCLIAR E OURO PRETO

SERIGRAFIAS



EXPOSIÇÕES CIRCUITOS ESTADUAIS

Quem não viveu Minas de Ouro Preto, e foi conhecer a cidade através desse álbum de serigrafias de Carlos Scliar – Tehadros de Ouro Preto – estará visitando. Onde está o barroco, onde está o rococó, as curvas, o arado, o resultado das antigas e das vigas, e as excitações do barroco do barroco?

Uma longa história de Ouro Preto – uma longa história e um longo amor – do e Carlos Scliar o direito de apresentar essa Ouro Preto íntima, mas toda aberta, tão íntima na simplicidade de sua técnica que da vista parece abstrato. Não há linhas graduadas, paralelas há muito íntima. Não há linhas: há uma certa liberdade, um certo grau de liberdade com a liberdade gráfica das tantas intervenções ou intervenções. Mas, sempre dessas composições em linhas, estas, muito raramente, ou nunca, adote o grau de uma disciplina curva, o efeito é suave. São bem, talvez de uma disciplina omissão desses volumes de edifícios e edifícios que há, na Ouro Preto de verdade, e como se fossem desapezar labora abstrato. Aqui o artista impõe os ordens e seu amor, e o todo decompõe com uma luz densa e humana. (...)

RUBEM BRAGA

Esta foi a primeira vez, em Ouro Preto, que me vi entre eu e o passado, e quando, onde vai que tenho que explicar o lugar que tenho e não um certo momento, com esta cidade.

Em agosto de 1985, foi meu primeiro contato, e embora somente de algumas horas, foi importante, que soube quem aqui, há 400 anos, é importante e hoje. Depois, eu já escrevi um retorno para, pelo menos por dois meses, descrever e pintar. O que se tornou, a partir de 1982, uma necessidade. Voltar em dois dias diferentes, para descobrir a cidade em suas diversas situações. Era um marco arquitetônico do movimento PVAI, reconhecendo os atores da nova arquitetura.

Foi em 1983 que, pela primeira vez, de alto dos jardins do Casarão das Lages, me veio a ideia de um trabalho de cidade. Imaginei-me numa sala isolada, cercado por histórias e apenas que se iluminavam como equipamentos para um filme. Sempre fui melhor por cinema e, de uma certa maneira, criei que tudo se corrigiria que depois seriam produzidos desta minha história por um projeto movimento-cinéma.

Tempos depois, na Casa de Bragança, sede do Patrimônio Histórico, foi um quadro de Pedro Cortez de Araújo, pai, onde me rememorei a cidade visitando várias vezes, descobrindo largos e largos, compreendendo assim uma faculdade interpretativa. Claro que, antes, Ouro Preto já não tinha sido visitada, através da ponte de Guilhermino. Durante décadas, ele nos faz descobrir e amar aquela cidade, fazendo-nos ver a maneira simples de sabedoria e pureza. Ouro Preto, tantas coisas e sempre pintadas, que ao longo do tempo, nos foram fazendo situações de cidade, com suas montanhas, colinas, estuários de espírito, sonhos, ruínas, impedições, fantasias, paisagens... Assim, estamos em conexão com o passado, fazendo reviver sua Ouro Preto. Sei que não há mais nenhum mais estado de cidade que quero homenagear – desculpamos, todos os que amam aquela cidade, estamos todos nós. Luciano Brandão, Orlando Marques, Inês, Bernardino, Neves, Faria, Bracher, Nicácio, Neres, Neto Neto, Paulo Landeira, Luis Francisco e mais o carinho de Da. Grazianna e Lúcia, e estes de Rodrigo e Daniela de Dourado, e o grupo de Sérgio e todos os meus amigos, e estudantes ou não, tantos amigos de papas e entrelaços, descobertas, talvez com o cidade e a vida, de algumas que não há, apesar das descobertas com tanta história originada por essa gente que não sabe que somos mais amigos a mais Brasil, mais gente, quando das situações locais, contribuindo por aquele gesto maléfico, empolado, que com sua vida e sensibilidade, mesmo cada muro, cada trabalho e com seu suor coletivo cada pedra, aqueles que não sabem construir uma cidade que atrevesse o tempo e a existência, para nos dar força e orgulho.

Em maio de 1984, visito, da Editora Curitiba de São Paulo, a enciclopédia de album que nasceu com o nome de *Almanac e Jherodro de Ouro Preto*. Em dezembro estarei publicando de alma, tendo transmitido o que seria por essa cidade, naquele momento de minha vida, tendo sido o primeiro a ser publicado. Em maio de 1984, após o meu primeiro contato com o diretor de obra, Alfredo Elói, para que fizesse do trabalho, durante minha estada em Ouro Preto, com tempo e meu esforço, projetos e projetos finais. Não há nada em seu trabalho, uma sala com o nome, os projetos e a luz da casa. Foi quando passou na Ouro Preto 1987. Todo o mês de agosto, tendo 24 horas por dia e mais um minuto. Em setembro, após o meu trabalho de campo para Nova Viçosa, onde Zentis e Franzberg nos apresentaram. Visitamos Porto Seguro e em Santa Cruz Cabralia. No dia 31, um livro de divulgação da cidade, a história e a cultura, foi publicado e foi com o nome de *História da cidade de Ouro Preto*. Em outubro, visitei a Ouro Preto e uma semana, com o apoio de alguns amigos, foi publicado o livro *Ouro Preto 1807*. Em 1987, eu escrevi na Galeria Oscar Scliar, em Brasília, quando escrevi uma pequena história. Anúrio Faria, sua me presenteou um livro, ao me propor uma comemoração, tem número grande de papas, mas que mecheve uma sala de história. Era bem de novo. Uma grande sala, muitas peças, materiais Paríngolo do copado, contra aquele trabalho transmitido, mas sempre por que não Ouro Preto 1987? Não é que a cidade acabou? Não há mais trabalho e o tempo, mas há uma vida e há esperança, por contrário, a data de entrega é 31 de dezembro de 1986. Combinamos também que, se o projeto fosse pronto antes de data, eu poderia expô-lo em tantas mostras quanto possíveis.

Em janeiro de 1976, eu e um grupo de amigos passamos cerca de um mês em estúdios, nos estúdios de Bago, RS, desenvolvendo antigas serigrafias. Foi uma temporada cheia de descobertas, mas em seguida era a volta de quatro amigos, Osvaldo Rodrigues, Elcio Bianchetti, Danilo Gonçalves e eu, ao lugar onde eu já primeira vez nascido e se criou, e eu passava as minhas férias infantis e jovens.

Hoje e acho muito do momento era que, há, entre 1985 e 86, não nos reunimos, vivendo as diversas etapas do Clube de Gramma, que nos ajudou a redescobrir e paisagens, as condições, a gente da interior de Rio Grande. Reavivamos questões, e nossa formação auxiliada, e tentamos assumir nossas responsabilidades de artistas, de homens. Desenvolvemos conceitos, manter sempre aberta, no maior número de pessoas. Agora, após anos depois, com nossa família e amigos, voltamos, descobrimos, como mecheve livros, trabalhar juntos. Tentamos, neste último trabalho, por em questão os fundamentos e peculiaridades de uma arte brasileira e, como é sempre grande nossa presença, fazer com que um número cada vez maior de pessoas, através, seja, presente e o refletidas como artistas, tenhamos intenção de abraçar o processo cultural brasileiro. Penso que a etapa foi de grande utilidade de Ouro Preto, a recuperação de minha infância e juventude, depois de tão longo afastamento, e o calor das discussões acabaram produzindo um rebulção interior, cujo resultado se descompôs, em nós, e aqui!

De março a junho de 1978, fiz e refiz três vezes o meu projeto de Ouro Preto 1987. O quadro dividido em duas faixas de dez peças cada. Cada faixa representava um ano da cidade, separada pela área central: um ano a Paróquia de São Plá e o outro a Paróquia de Antonio Dias (onde tenho meu perfil e de onde já havia feito minha Ouro Preto 1980), depois, mergulhando 28 horas por dia no trabalho, quando julguei estar sendo do lado, em tantas situações formais, bastava uma noite bem dormida para que recomencem todas as dúvidas. Logo após quatro meses e, no fim, por campo, decidi aceitar a decisão que tinha se imposto, por vontade.

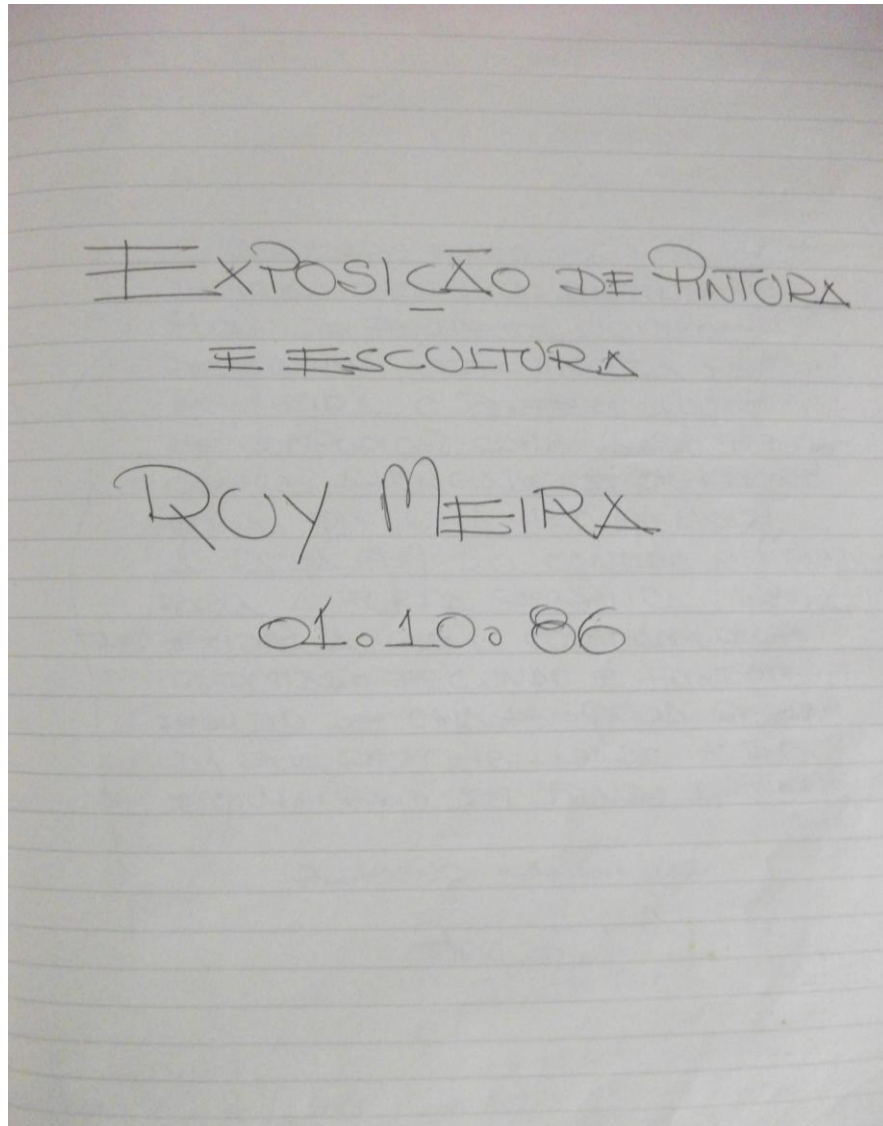
Já nem lembro bem qual era minha ideia inicial, proposta em Brasília, mas desenvolvi um canal mais humano, uma espécie de processo contra o decorrer rápido da cidade, contra a falta de sensibilidade daqueles que deveriam ser os mais conscientes defensores de um patrimônio nacional, de todos, de nossa memória histórica e cultural. É o que me resultou de toda a minha vida? Uma Ouro Preto íntima, que Villa Rica, está a meio século perdido que breves era a Ouro Preto que eu tinha conhecido, ao fundo de meus, no minha vez, mesmo antes de conhecê-la. Era aquela interação e cultural e barroca, história e religiosa, imaginando os mais importantes, mais e serem, de momento histórico, reconhecendo e cada momento, buscando na luz descoberta que faz o verde-claro e decore sua terra quente, de todos os momentos. É um canal a Ouro Preto que se vi com todos os seus elementos fundamentais pela minha infância e por essa travessia necessitante que tenho de buscar simplificação e clareza. Minha intenção íntima de Ouro Preto Villa Rica, em dezembro de 1976, eu fiz de novo, apresento o público em Belo Horizonte, depois Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro e até ao em Salvador. Após a volta com o país, eu me empolou, as discussões em longo, que foram para mim importantes experiências, entre elas, um trabalho de campo para São Paulo e em Salvador, onde conheci, novamente, um amigo brasileiro que não há em Salvador. Foi quando nasceu este álbum, talvez mais humano, novamente interpretando Antonio Dias, multido de todos os seus trabalhos anteriores, em estado, diferente. É verdade que interpreto Ouro Preto pela primeira vez um serigrafia, e cada momento tem traços novos e outros.

Mais tudo ou tudo isso que fazemos há sempre diferentes, pois a gente se modifica e o tempo muda. Todos os momentos, não é mesmo?

Dr. Mercedes, Gutierrez, Elvira, Cadelino, Scliar, Olmos, Valéria, Tóris, Tarcio, Ubaldino, Azevedo, Vera, Flávio, pois é Fábio, estejam certos que devo muito a todos todos, até Bago.


Carlos Scliar/Janeiro de 1977

3 – **Exposição de pintura e escultura.** Exposição individual de Ruy Meira apresentada na Galeria Theodoro Braga entre os dias 01 a 15 (data estimada de encerramento) de outubro de 1986.



4 – **Cenas Amazônicas.** Exposição individual de Hélio Melo. Apresentada na Galeria Theodoro Braga entre os dias 16 a 19 de outubro de 1986.

HÉLIO MELO
apresenta:
Cenas Amazônicas



Pinturas, histórias, músicas e cartilhas que falam da vida na Floresta Amazônica.
Participação do Conjunto Sempre-Serve.

Local: GALERIA THEODORO BRAGA
CENTRO

Dia: 16 a 19/10/86 Horário

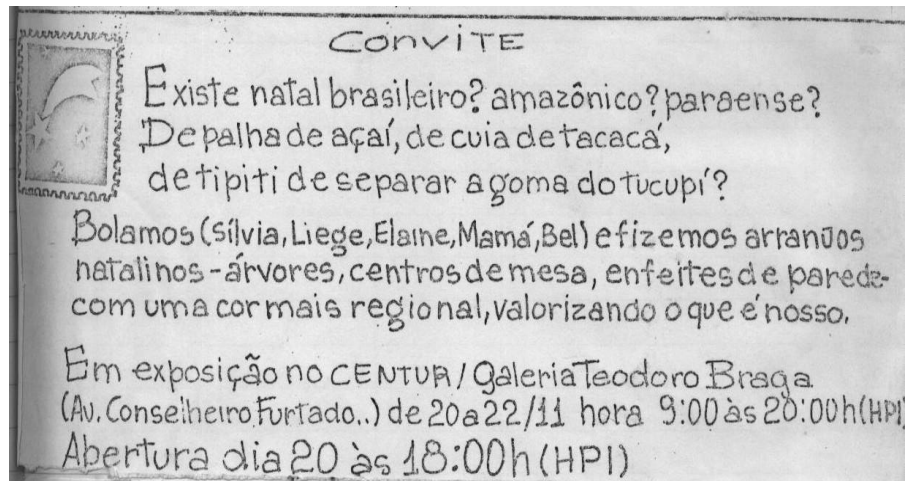
5 – **Moraes Rego – Retrospectiva 40 Anos de Arte.** Exposição individual de Ronaldo Moraes Rego. Apresentada na Galeria Theodoro Braga entre os dias 20 e 30 de outubro de 1986.



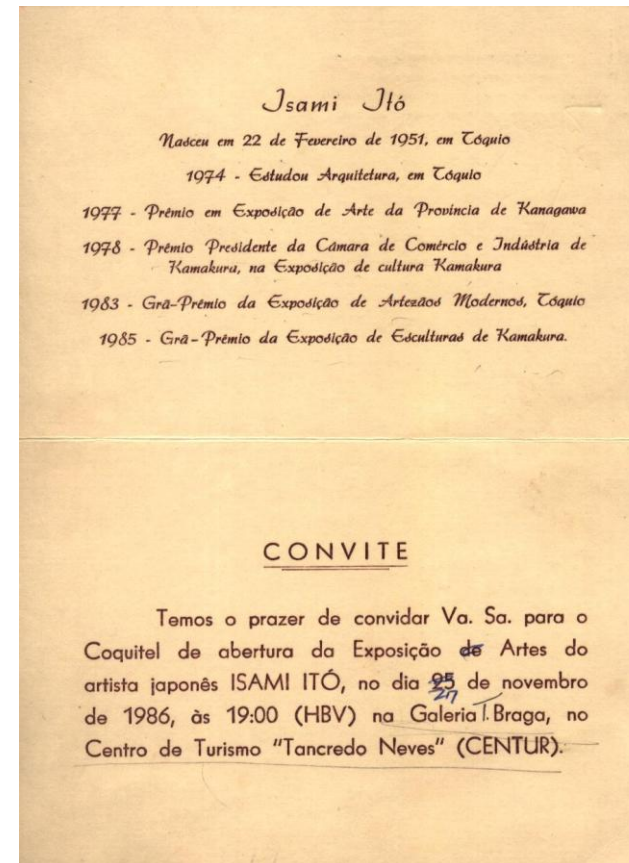
6 – **Vida.** Exposição individual de gravuras e grafites da mato-grossense Lu (Lusia da Silva Sant'Anna). Apresentada na Galeria Theodoro Braga entre os dias 03 a 16 de novembro e 1986.



7 – **Exposição de arranjos natalinos.** Exposição de itens natalinos com materiais regionais de Sílvia, Liege, Elaine, Mamá e Bel, apresentada na Galeria Theodoro Braga entre os dias 20 e 22 de novembro de 1986.



8 – **Exposição de Isami Itó.** Exposição do artista japonês Isami Itó. De 27 de novembro de 1986 a 03 de dezembro de 1986. Público: 140 pessoas



9 – **Exposição A Vitória do Essencial.** Exposição do artista Odilon Cavalcante. De 05 de dezembro de 1986 a 20 de dezembro de 1986. Público: 391 pessoas



10 – **Exposição Poliestér.** Exposição do artista Genésio Telles. De 23 de dezembro de 1986 a 03 de janeiro de 1987. Público: 162 pessoas

